

O papel da família no percurso escolar do aluno

Catarina Lázaro

In Práticas Textuais 17| 18

ISBN 978-989-20-8480-0

Como citar

Lázaro, C. (2018). O papel da família no percurso escolar do aluno. In N. Jorge, A. Coutinho, M. Fidalgo, R. Rosa (Eds.), *Práticas Textuais 17| 18* (pp. 49-59). Lisboa: NOVA FCSH-CLUNL.
<https://run.unl.pt/handle/10362/42697>

O PAPEL DA FAMÍLIA NO PERCURSO ESCOLAR DO ALUNO

Catarina Lázaro

Estudante da Universidade NOVA de Lisboa, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, a frequentar a licenciatura em Ciências da Linguagem.

Abstract

As far as the education of children is concerned, the importance of family support is a topic that is increasingly discussed, mostly due to the substantial changes that both school and family have faced over the years. Thus, the goal of this study is to demonstrate that the active participation of parents is essential for the success of their children's education and also influences their school performance. This will be achieved by presenting the perspectives of the school and the family regarding this subject and by pointing out possible ways for parents to take part in their children's curricular life. For this purpose, our analysis will be based on the works of the following authors: Lima & Domingues (2007), Santos (2010), Ferreira (2016), amongst others. The results of inquiries answered by high school students from Externato de Penafirme will also be evaluated. This analysis will help me reach the conclusion that the relationship between school and family is not always peaceful due to the parents' lack of involvement in their children's education, which can considerably affect their school life.

Keywords

Family
School
Children's education

1. Introdução

A família e a escola são os primeiros e principais agentes de socialização das crianças e, por isso, desempenham um papel muito importante na vida das mesmas. Idealiza-se, então, que haja uma boa relação entre estas duas instituições, mas a verdade é que isso

nem sempre acontece. O problema está no facto de a família e as suas ações terem bastante relevância para a criança e, daí, esta sentir que o mais importante é a sua aprovação.

Para analisar esta problemática, foi feita a revisão da literatura com base em três estudos acerca deste tema (Santos, 2010; Lima & Domingues, 2007; Ferreira, 2016) e a realização de inquéritos, com vista à apresentação de dados quantitativos. Estes inquéritos tiveram como público-alvo os alunos dos 9.º, 11.º e 12.º anos do Externato de Penafirme, por estes serem anos de exames nacionais.

Este trabalho é então constituído por três partes. Primeiramente, serão abordados os conceitos de *família* e *escola*, assim como a importância que cada um deles possui para as crianças/jovens. De seguida, será avaliada a participação dos pais no percurso escolar dos filhos, salientando-se também outros aspetos relacionados com este tema. Depois disso, serão analisados os dados quantitativos (inquéritos) e apresentadas conclusões acerca dos mesmos.

2. Revisão da literatura

2.1. Família e escola

Antes de mais, considero importante definir os dois conceitos que irão ser mais abordados neste estudo. São eles o de *família* e o de *escola*.

Segundo Silva (2005), a *família* é a instituição que engloba um grupo de pessoas unidas pelo vínculo do casamento, afinidade, adoção ou por quaisquer laços de parentesco. Este conceito, com o passar dos anos, tem vindo a mudar devido a alterações de carácter económico, social, cultural, tecnológico, religioso e político. Relativamente ao que acontecia no passado, podemos afirmar que os papéis de cada um dos pais se modificaram bastante. Também sabemos que o papel da mulher sofreu enormes alterações e que esta deixou de ser uma mera dona de casa, assumindo também a função de trabalhadora fora do seu lar. Começou a exercer tarefas que outrora só pertenciam ao pai, o homem da família. Desta forma, a mulher começou a ter outras ocupações e o tempo para auxiliar os filhos na educação tornou-se mais reduzido. Assim, conseguimos identificar esta mudança do papel da mulher como um fator importante no processo educacional dos filhos.

Relativamente à *escola*, esta é uma instituição socializadora (Santos, 2010), que tem o encargo de educar, segundo programas e planos sistemáticos, os indivíduos nas diferentes idades da sua formação. É, então, um edifício onde se ensina, um local de trabalho coletivo (Ferreira, 2016). Tem bastante importância no decurso da formação do desenvolvimento da criança, tanto a nível físico e social, como a nível emocional e cognitivo (Lima & Domingues, 2007). Tal como a família, também a escola é responsável pela educação das crianças. A escola também sofreu várias alterações ao longo dos anos e tornou-se cada vez mais num local não só responsável pela educação dos alunos, mas também pelo seu trabalho pedagógico formal, pela formação de valores e pela compreensão e cumprimento de regras (Ferreira, 2016). Assim, esta instituição começou não só a formar os alunos para o mercado de emprego, mas também a formá-los como pessoas e a dar continuidade à vida afetiva.

2.2. Importância da família no percurso escolar do aluno

A família é o primeiro núcleo de pessoas que convive com a criança e, por isso, é um exemplo para a mesma, possuindo grande importância na sua aprendizagem. Segundo Lima & Domingues (2007: 15), “a vivência da criança no ambiente familiar é condicionada e condicionante de seu rendimento na escola”. Ao mostrar interesse e dar atenção a tudo o que esteja relacionado com a vida escolar dos filhos, a família influencia a criança de forma bastante positiva para o seu processo de aprendizagem.

De acordo com Santos (2010), quem tem mais dificuldades em aprender são normalmente os alunos cujas famílias se encontram ausentes, “onde não existe um diálogo, onde não existe uma participação ou interesse pela vida escolar da criança” (Santos, 2010: 10). Outras famílias que influenciam de uma forma distinta o processo escolar são as que ficam ansiosas e impacientes quando os filhos não têm facilidade em aprender, afirmando que esse problema é totalmente da escola. Ora, este tipo de pensamento também é bastante prejudicial, para não falar dos que utilizam o próprio estudo como castigo por desobediência, esquecendo-se que, dessa forma, estão a contribuir para que o filho associe esse ato a algo negativo.

É necessário haver alguém a auxiliar a criança ou o jovem. Por vezes, nem são os pais que se importam e que se esforçam por ajudar, mas sim os irmãos ou alguém com quem os alunos partilham o mesmo lar diariamente. Quando existe um interesse da parte de alguém, os alunos sentem-se mais motivados para estudar e realizar as tarefas pedidas pela escola. As crianças precisam de ganhar desejo de aprender cada vez mais, de ter autoconfiança e autoestima, e isso é melhorado quando têm alguém que se empenha em ajudá-las. Afinal, “é na família que o aluno encontra as suas motivações” (Santos, 2010: 11) e este necessita de sentir que faz parte de uma família. De acordo com Paro (*apud* Ferreira, 2016: 17), os familiares não precisam de dominar os conteúdos escolares para acompanharem o aluno, necessitam apenas de passar tempo com ele, conversar sobre o que aprendeu nas aulas e demonstrar interesse, de modo a incentivá-lo. Não ter a atenção que necessita da parte dos pais afeta a aprendizagem do filho de forma significativa. Ele quer mostrar o que fez na escola, os seus trabalhos, e os pais, muitas vezes, optam por ocupar o seu tempo com outras coisas.

Como já foi referido anteriormente, a sociedade está a sofrer alterações e “o mercado de trabalho apresenta uma nova configuração e distanciamento entre a escola e a família” (Silva, *apud* Lima & Domingues, 2007: 14). Para além deste fator, existem outros que causam o afastamento entre estes dois núcleos, como, por exemplo, a falta de tempo, a impaciência com as crianças, o facto de os pais colocarem o emprego em primeiro lugar e a crença de que a escola faz tudo de acordo com o que esperam (Santos, 2010).

2.3. Os diferentes tipos de pais

Felizmente, também existem exceções e “há muitos pais que têm sucesso na sua missão de educadores, [...] conseguindo que os seus filhos se tornem verdadeiros Homens/Mulheres de palavra, carácter, e cheios de virtudes na sua maneira de agir.” (Santos, 2010: 23). Muitos pais ajudam os alunos a realizar as tarefas que estes trazem para casa, verificando se o filho faz tudo o que lhe é solicitado, procurando ter consigo o horário da criança e ajudando-a a realizar um apenas para o estudo (Lima & Domingues, 2007). Ainda se encontram muitos familiares que se preocupam com o

processo escolar dos alunos e que os auxiliam em todos os assuntos que estejam relacionados com a escola.

É por isto que se pode dizer que existem vários tipos de pais: os que se preocupam, que participam nas atividades e reuniões da escola e que a visitam regularmente; os que apenas visitam a escola quando são convidados por algum motivo, devido à falta de tempo e outros fatores; e os que não se preocupam nem um pouco com a vida escolar do aluno, não tendo conhecimento do seu processo de aprendizagem (Santos, 2010). Também é possível ocorrerem casos em que os pais tentam valorizar este aspeto e proporcionar um maior acompanhamento, mas em que simultaneamente sentem várias dificuldades.

2.4. Papel da família vs. papel da escola

Ainda no que se refere à relação entre escola e família, sabemos que a primeira espera da segunda um interesse e uma “participação efetiva em todos os aspetos, desde os cumprimentos das normas estabelecidas pela escola até o respeito, o amor, a cumplicidade e envolvimento com a educação dos filhos” (Silva, *apud* Lima & Domingues, 2007: 14). A escola preocupa-se bastante com a falta de presença dos familiares no acompanhamento do “desenvolvimento e desempenho escolar da criança” (Ferreira, 2016: 9), com a excessiva liberdade que lhe dão e com a dificuldade que têm “em transmitir valores éticos e morais para convivência em sociedade” (*idem, ibidem*).

Em contrapartida, a família tem a expectativa de que a escola ofereça uma educação aos seus filhos com princípios morais, achando, na maioria das vezes, que o papel desta instituição é muito mais do que ensinar os conteúdos, devendo também instruir as crianças para a vida. Além disto, os pais consideram que a escola lhes atribui a responsabilidade de educar a criança, quando deveria ocorrer o contrário (Ferreira, 2016).

De facto, “Não é necessária à família a indicação de um educador familiar” (Lima & Domingues, 2007: 17), como se a responsabilidade de educar caísse sobre ela, mas é preciso que os membros deste núcleo tenham responsabilidade pela “formação integral da criança” (*idem, ibidem*). Também não é função do professor ser responsável pelo aluno fora da sala de aula, mas é ele que deve, tal como a família, ensinar o aluno a respeitar, ter

confiança e dar afeto, como membro da sociedade. É na escola “que se devem conscientizar jovens e crianças a respeito dos problemas do mundo, falar sobre respeito, amizade, sociedade” (Ferreira, 2016: 24), entre outros.

Desta forma, é importante que as funções da escola e da família se unam para que o processo de aprendizagem da criança seja positivo. Tem de existir uma boa relação entre ambas e precisa de existir, sobretudo, diálogo, pois, como indica Ferreira (2016), a escola pode ver problemas no aluno que a família não vê e, assim, ajudar a resolver esses mesmos problemas. Se a relação entre as duas instituições que mais importância têm no crescimento da criança for boa, o mais provável é surgir um equilíbrio no desempenho escolar.

3. Estudo exploratório

3.1. Recolha de dados

Para obter dados relativamente à problemática em análise, determinou-se o público-alvo (os alunos do Externato de Penafirme dos 9.º, 11.º e 12.º anos) e o método de recolha de dados a utilizar, ou seja, o inquérito por questionário. Em segundo lugar, foram selecionadas as questões para o inquérito, sendo este impresso e preenchido na escola. Após a devolução dos inquéritos, procedeu-se à sua análise.

Como foi referido anteriormente, o público-alvo escolhido para o trabalho foram os alunos do Externato de Penafirme dos 9.º, 11.º e 12.º anos. Nestes anos de escolaridade, foram selecionadas turmas ao acaso e os inquéritos distribuídos pelas mesmas. O trabalho baseou-se, então, numa amostra obtida por conveniência, tendo sido inquiridas 100 pessoas: 33 alunos de 9.º ano (num universo de 283 alunos), 33 alunos de 11.º ano (num universo de 132 alunos) e 34 alunos de 12.º ano (num universo de 119 alunos). Na aplicação dos questionários foram tidos em conta critérios relacionados com a inclusão de alunos do Externato de Penafirme com exames nacionais. Aos inquiridos foi assegurado o anonimato das respostas. O facto de esta dizer apenas respeito aos alunos do Externato de Penafirme limita a validade externa, ou seja, esta realidade não pode ser considerada válida para outras populações

que possuam características diferentes, como, por exemplo, escolas que se encontrem num meio urbano.

O inquérito foi entregue aos alunos em papel, sendo constituído por questões de escolha múltipla e resposta rápida. Neste mesmo inquérito foram incluídas questões sobre a presença dos familiares nas reuniões de pais, qual o membro da família que mais pressiona o aluno para a obtenção de boas notas, entre outras perguntas consideradas pertinentes para a obtenção de respostas sobre a temática em causa.

3.2. Análise de dados

No que se refere à questão “A tua família influenciou a escolha do curso em que te encontras?”, no 11.º ano é observável uma divisão das respostas. O mesmo não se verificou no 12.º ano, em que todos os inquiridos afirmaram que as suas famílias não influenciaram a sua escolha (**Gráfico 1**).

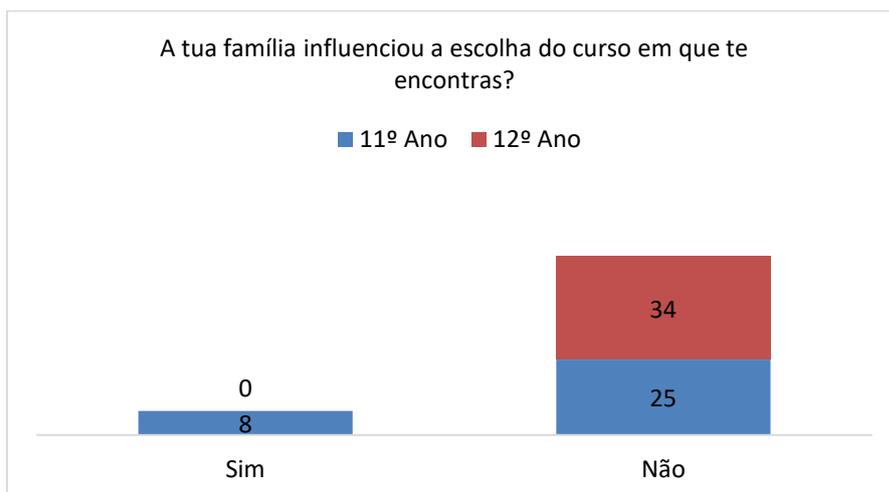


Gráfico 1: Influência da família na escolha do curso

Relativamente à questão “A tua família acompanha-te no estudo?”, no total dos três anos de escolaridade, 45 alunos afirmaram nunca ser acompanhados pela família. Neste sentido, procurou-se conhecer as diferentes formas do acompanhamento (**Gráfico 2**).



Gráfico 2: Acompanhamento no estudo pela família



Gráfico 2A: Formas de acompanhamento no estudo

No gráfico que corresponde à forma de apoio escolar (**Gráfico 2A**), é possível observar que os alunos que responderam positivamente à questão apresentada no **Gráfico 2** afirmam, na sua maioria, receber ajuda para encontrar métodos de estudo. Quanto aos restantes, é possível identificar outras formas de apoio, como, por exemplo: ajuda na consolidação da matéria ou no esclarecimento de dúvidas. Contudo, 7 alunos não responderam a esta questão.

Já na questão “Quem te ajuda na resolução dos TPC?” (**Gráfico 3**), os resultados divergiram, destacando-se as três opções que obtiveram um maior número de respostas, nomeadamente “Ninguém”, “Explicador/a” e “Mãe”.

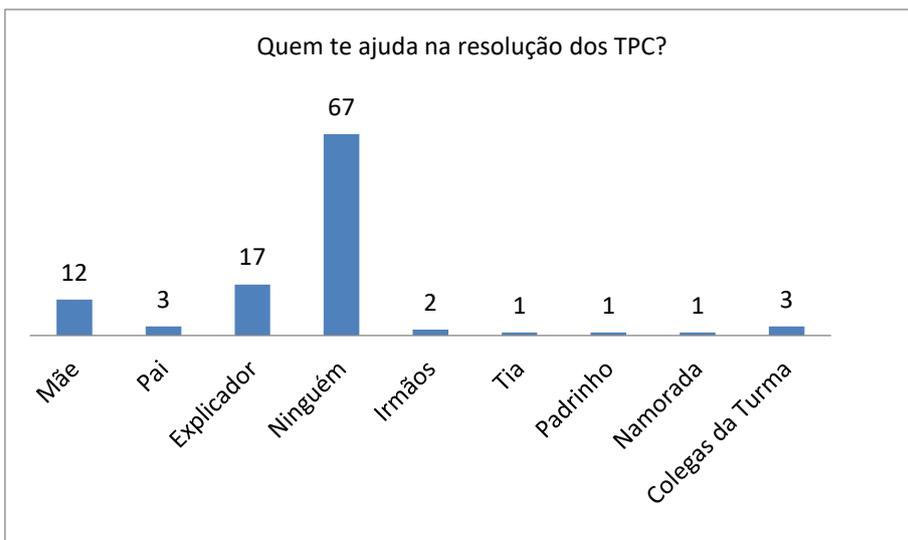


Gráfico 3: Acompanhamento na realização dos TPC

À questão “A tua família frequenta as reuniões de pais?” (Gráfico 4), a maioria respondeu de forma afirmativa, sendo que os restantes inquiridos afirmaram que não ou não responderam à pergunta.

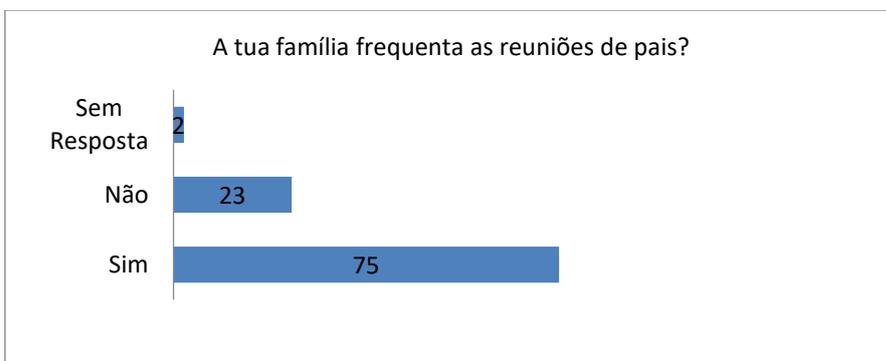


Gráfico 4: Frequência das reuniões de pais pela família

No seguimento da questão anterior procurou-se saber a assiduidade no que diz respeito à participação em reuniões (Gráfico 4A). A maioria afirmou que o Encarregado de Educação frequenta sempre as reuniões e uma pessoa não respondeu à questão.

Já na questão “Quem te pressiona mais para a obtenção de boas notas?” (Gráfico 5), podemos observar que 67% afirmaram ser a mãe, 25% consideraram não haver ninguém a pressionar e, por fim, 5% não responderam a esta questão.

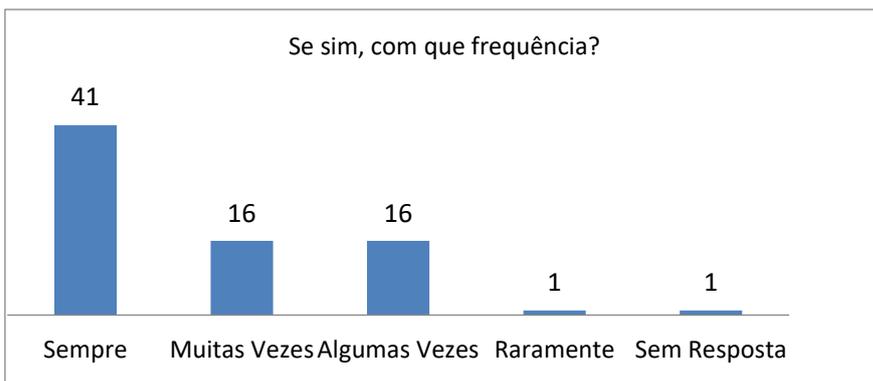


Gráfico 4A: Grau de frequência da família nas reuniões de pais

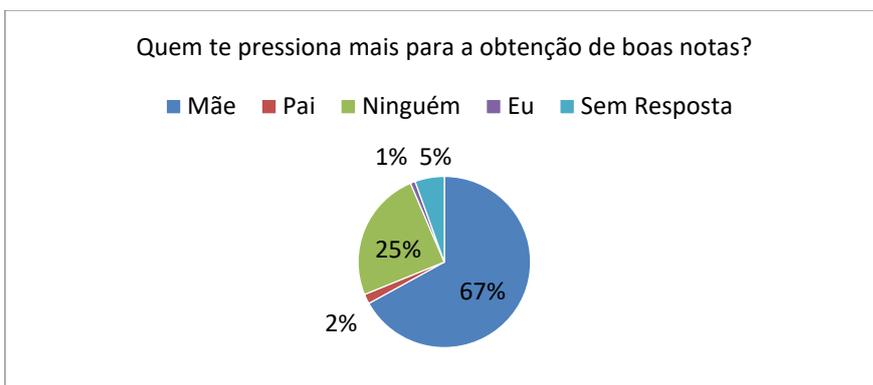


Gráfico 5: Entidade que exerce pressão para a obtenção de boas notas

3.3. Conclusões da análise

A partir dos resultados obtidos nos inquéritos, conseguimos observar que são raros os casos em que a família acompanha os seus filhos no estudo; que, em relação às tarefas escolares feitas em casa, a maioria dos alunos não recebe qualquer auxílio da parte dos pais nem de outros familiares; que, muitas vezes, os pais optam por colocar os filhos na explicação e é lá que outros agentes se encarregam dessas mesmas tarefas; mas que, apesar disto, uma grande parte dos familiares dos alunos desta escola comparece nas reuniões de pais e pressiona os filhos, de alguma forma, para obterem bons resultados escolares, o que revela preocupação da parte da família.

4. Considerações finais

O trabalho permitiu abordar uma questão do âmbito da Sociologia, designadamente o envolvimento familiar na escolarização, de uma forma simples e clara, de modo a que se consiga perceber o grau de influência que a família tem no processo escolar dos alunos e o seu posicionamento em relação à vida escolar.

De facto, a família tem um papel fundamental na vida da criança/jovem. Sabemos que é através da família que a criança descobre o que a rodeia e que é em casa que o fracasso ou o êxito escolar se inicia. Como podemos verificar, o facto de os pais estarem cada vez mais ocupados leva-os a não acompanharem os filhos e a transferirem essa função de acompanhamento para espaços de ensino fora da escola, como os centros de explicações. Isto é visível quer nos estudos de referência, sistematizados no **ponto 2.** do presente estudo, quer nos resultados dos inquéritos que foram realizados no Externato de Penafirme, apresentados no **ponto 3.**

Em suma, conseguimos afirmar que há exceções e vários tipos de participação dos pais nos assuntos escolares, mas que, atualmente, a maioria dos alunos possui famílias ausentes, prejudicando, assim, o seu desenvolvimento escolar.

Referências bibliográficas

Ferreira, M. A. (2016). *Família e escola: uma parceria fundamental na formação dos discentes* (Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura). Itaporanga: UFPB/CE.

Lima, P. G. & J. L. Domingues (2007). Família e aprendizagem dos filhos na escola: algumas pontuações a partir da percepção de professores. In *Acta Científica - Ciências Humanas*, 2(13), pp. 9-25.

Santos, V. (2010). *Família e aprendizagem: a influência da família no processo de aprendizagem das crianças* (Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura). Porto Alegre: FAGED/UFRGS.

Silva, R. (2005). *Autoconceito, ambiente familiar e dificuldades de aprendizagem: uma aplicação pedagógica* (Monografia - Especialização). UNASP: Hortolândia.

[\[Voltar ao Índice\]](#)